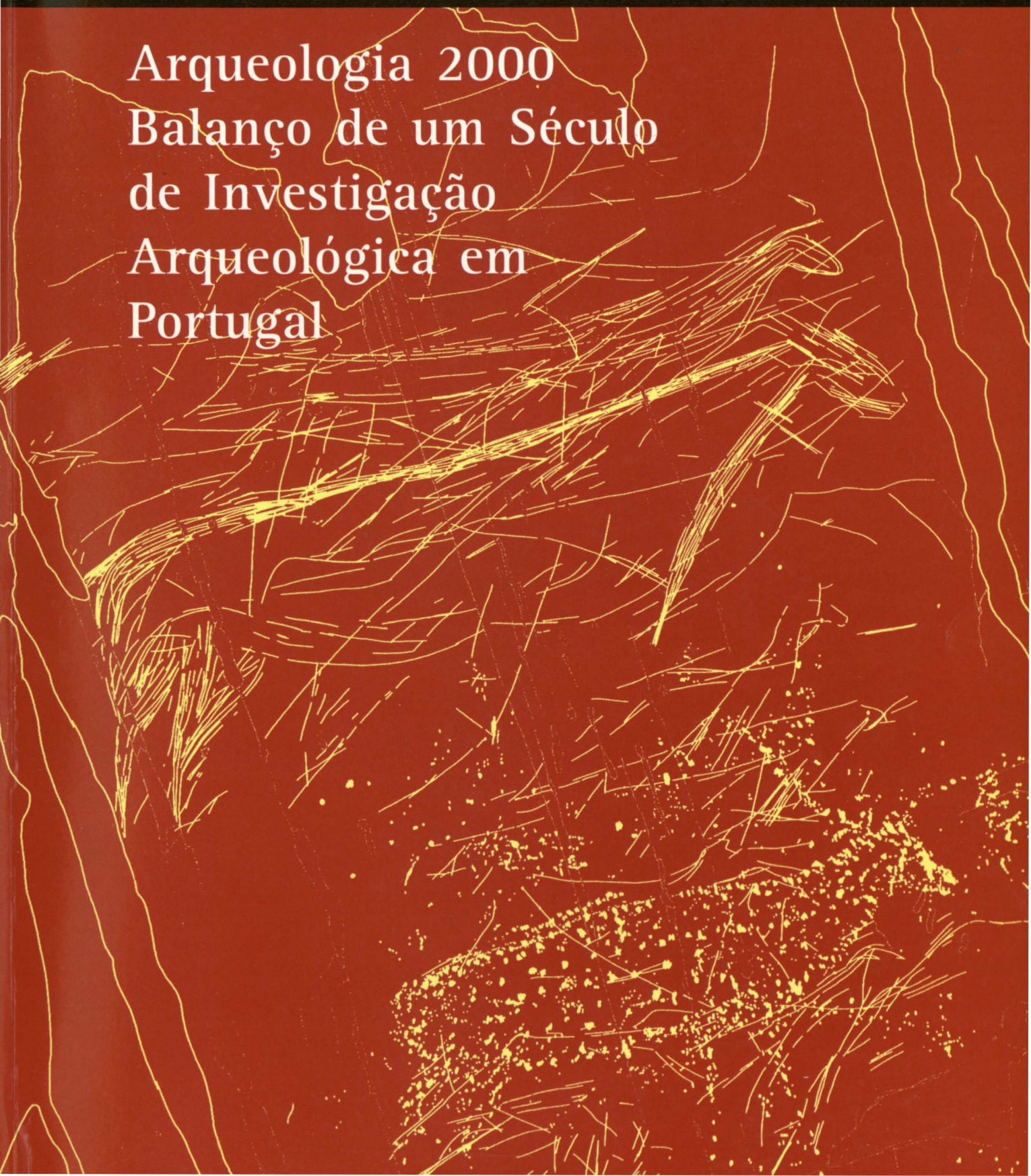


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



As Civilizações da Idade do Ferro em território português nos últimos 100 anos

Teresa Júdice Gamito

Professora Catedrática da Universidade do Algarve
Campus de Gambelas, 8000 Faro

Quem dera eu não vivesse no meio dos homens da quinta raça, que morresse antes, ou vivesse depois!

Agora é a raça do ferro. Nem cessam, de dia, de ter trabalhos e aflições, nem, de noite, de serem consumidos, pelos duros cuidados que lhe oferecem os deuses.

Hesíodo, *O Mito das Cinco idades*, v.174-177

Hesíodo refere-se contristado ao aparecimento da Idade do Ferro, a quinta raça, que veio destronar a Idade do Bronze, por ele considerada muito mais perfeita, tornando a vida dos Homens ainda mais difícil e trabalhosa. Talvez tivesse razão. A descoberta da tecnologia do ferro veio proporcionar armas e ferramentas mais baratas e eficientes, tornando a guerra mais fácil e mortífera, favorecendo as rivalidades e o crime entre os homens, mas, simultaneamente facilitando também a sua vida.

É possível que a metalurgia do ferro tivesse sido descoberta na Anatólia e na região do Irão por volta de 1500 .a.C. . onde surgem também as primeiras adagas de ferro entre 1200 e 1000 a.C.. Daqui a nova tecnologia terá passado para a Síria e para o Irão em cerca de 1000 a.C., alcançando a Palestina pela mesma época. A Grécia parece conhecer as técnicas de fabrico de ferro a partir de 900 a.C. e transmitido esses conhecimentos ao Egipto, através da sua colónia de Naucrátis entre 700 e 500 a. C. As culturas de Hallstatt na Europa, por seu lado, já apresentam vestígios sobre o conhecimento da nova tecnologia a partir de 800 a.C. surgindo pela mesma época na Itália Etrusca e estando plenamente em uso na Península Ibérica entre 800 e 700 a.C. (Tylecote 1976, 40-52; Wertime e Murphy 1980; Snodgrass 1980). Na verdade, a transição do Bronze para o Ferro veio contribuir para o rápido desenvolvimento das sociedades e das tecnologias disponíveis.

As civilizações do ferro caracterizaram-se, tal como o seu nome indica, pelo uso generalizado de artefactos de ferro, que vieram permitir grandes modificações sociais e civilizacionais entre os povos que, a pouco e pouco, foram adoptando a nova metalurgia. Embora o bronze não tivesse deixado nunca de ser utilizado, especialmente no que diz respeito a utensílios de luxo ou armas de parada, o facto é que a metalurgia do ferro tornava todos os objectos metálicos de uso corrente muito mais baratos e acessíveis. De facto, as sociedades organizaram-se a partir da descoberta da metalurgia do ferro de modo mais complexo, tornando-se mais dominadoras e eficientes. Surgiram assim novos estratos sociais, novas elites, novas organizações sociais.

A interacção entre os povos intensificou-se, os contactos comerciais e culturais aumentaram. Descobriu-se a escrita. É também o momento em que começam a surgir exércitos bem apetrechados e organizados, que não são senão mais uma afirmação do poderio e domínio de algumas sociedades sobre as outras e com eles os primeiros impérios.

Uma vez descoberta a metalurgia do ferro, verificou-se que o novo metal era na verdade revolucionário, pois permitia o refundir de objectos danificados sem que as qualidades do metal se alterassem. Por outro lado, a enorme facilidade com que era possível obter os minérios a partir dos quais se extraía o ferro, pois este encontrava-se um pouco por todo o lado, era também um factor importante em toda a economia da época. Assim a descoberta da metalurgia do ferro pode considerar-se como um passo importantíssimo na evolução tecnológica da Humanidade e a ela se encontra ligada toda uma evolução económica e social igualmente notáveis. O ferro não só se encontra na Terra com muito maior abundância que os outros metais, como a sua produção é fácil e permite o fabrico de utensílios fortes e resistentes, o que muito vem facilitar as diferentes tarefas e actividades humanas. O domínio da metalurgia do ferro é, portanto, um índice de desenvolvimento tecnológico muito apreciável.

Na Antiguidade, toda a actividade metalúrgica se apresentava fundamental e encontrava-se associada a toda uma transformação económica e social que a acompanhou, revestindo-se assim de tal importância que a vemos ligada a relatos mitológicos diversos. Tal o caso do mito de Hermes, por exemplo. O ferreiro é uma figura social de elevado estatuto, venerada e até temida pelas suas capacidades e domínio do fogo e pelo fabrico de objectos diversos e indispensáveis, ocupando um lugar importante na hierarquia social a que pertence.

O ferro meteórico era há muito conhecido pelas populações da Anatólia, como referi anteriormente, e de outras do Mediterrâneo Oriental, aparecendo na confecção de jóias, como um material raro e precioso, com aquele aspecto de "novidade" de algo que se apresenta pela primeira vez. Assim surgiram exemplos vários,

como é o caso das fíbulas de ferro da zona do Egeu ou do botão de ferro decorado a ouro que aparece no tesouro de Villena (Schüle 1976), pelo tornar do milénio durante a Idade do Bronze, sendo possivelmente de origem egípcia. Mais tarde, durante o período de La Tène final e época romana surgem novamente objectos de adorno de ferro, mas esse facto está relacionado e denuncia um empobrecimento em metais preciosos ou uma vulgarização desses mesmos tipos de objectos de adorno.

A utilização de minérios de ferro como reductores na fusão do cobre foi uma tecnologia há muito utilizada na Anatólia e a fusão do ferro poderia ter sido "descoberta" por acaso, no próprio processamento da metalurgia do cobre e depois do bronze. Bastaria, para tal, que o artífice utilizasse areias ricas em ferro, em vez das habituais ricas em sílica podendo então aparecer ferro, como resíduo final da operação, agarrado às paredes do fundo da fornalha, ou mesmo na forma de ferro dúctil. Dada a dificuldade em se conseguir elevadas temperaturas nos fornos de fundição primitivos, pois o ferro tem o seu ponto de fusão a 1540°C, o ferro inicialmente usado foi certamente aquele contido nos minérios quase puros, que poderiam fundir a cerca de 1200°C, ou a que se podia dar forma pelo simples processo de martelamento (Tylecote 1976). O bronze continuou a fabricar-se e manteve-se por muito tempo como o metal preferido para objectos de prestígio e de parada mesmo em plena época do Ferro, como referimos atrás. No entanto, sendo o bronze muito mais quebradiço, em breve se notaram as grandes vantagens que as lâminas das adagas ou das espadas apresentavam quando feitas em ferro. O ferro foi assim a pouco e pouco penetrando nos hábitos das populações sendo preferido, em relação ao bronze, pelas suas qualidades, pela sua possibilidade de ser re-aproveitado e para uso comum.

O território português

Qualquer retrospectiva sobre a arqueologia das civilizações do ferro em território português conduz-nos, necessariamente, à tomada em consideração das duas

grandes influências predominantes nesta zona ocidental da Europa, que se vieram sobrepor à natural evolução das populações aqui existentes, cujo ponto máximo se observa na Idade do Bronze. No Bronze Final já o contacto e a interacção entre as sociedades se observa em escala elevada e o desenvolvimento social e tecnológico são também uma realidade. Duas grandes influências se fazem então sentir, na Idade do Ferro: as continentais, chegando à Península através da Europa continental de influência das civilizações de Hallstatt e Célticas, de cariz nitidamente europeu, e as orientalizantes, que nos chegaram através do Mediterrâneo e da costa atlântica (Marques 1972 e 1973; Schubart 1975; Almagro Gorbea 1977; Júdice Gamito 1986, 1988; Silva 1987; Fabião 1993; Maia 1999; Arruda 2002, entre tantos outros). Na verdade, a realidade arqueológica nacional, não é mais que a junção destas duas grandes influências sempre constantes, sempre presentes no Ocidente peninsular: o Mediterrâneo e o Atlântico, o mar e o interior, às quais outras, fruto dos vários momentos históricos porque passamos, nos foram também, de algum modo, formando e moldando. Procurar-se-á ainda integrar todos aqueles arqueólogos que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento desta ciência embora admitamos que alguns poderão ficar esquecidos, facto que muito lamentamos, mas trata-se apenas de uma súmula da actividade arqueológica e seus principais actores.

Assim, esta reflexão irá desenvolver-se sob os seguintes aspectos:

· A História da Investigação, em que se procurará salientar os arqueólogos que mais decisivamente terão contribuído para a evolução, ritmo e desenvolvimento da Arqueologia da Idade do Ferro em Portugal, e começaremos, certamente, com a figura de Sebastião Philippe Estácio da Veiga, que embora tenha falecido em 1891, data em que deu à estampa o 4º volume de *As Antiguidades Monumentais do Algarve*, onde trata precisamente das Idades do Bronze e do Ferro, não deixa de ser o fundador de toda a investigação arqueológica, e, *malgré lui*¹, do Museu Nacional de Arqueologia, instituição indispensável e fulcral na arqueologia nacional. Estácio da Veiga teve ainda o mérito de ter publicado a primeira

Carta Arqueológica do Algarve (1876), da Pré- e Proto-História (Estácio da Veiga 1886), base de todas as cartas arqueológicas que se seguiram, e das suas próprias, das épocas Romana, publicada pela sua bisneta em 1973, e a da época Medieval (Estácio da Veiga 1910), o que lhe confere uma grande modernidade.

· Principais linhas de desenvolvimento e seus autores: Neste segundo ponto, interligado ao anterior, tomar-se-á em consideração as eventuais manifestações da investigação arqueológica que reflectem forçosamente idênticas ideias e posições observadas na arqueologia europeia. Procurar-se-á assim fazer referência à evolução da investigação nacional e aos diferentes aspectos de que se revestiu; o acompanhamento e interesse das principais correntes aqui observadas; as principais características e integração naquelas mesmas linhas de evolução do pensamento e investigação arqueológicos europeus.

· Perspectivas presentes e futuras: Este terceiro aspecto vai precisamente tentar indicar algumas das linhas de força entretanto estabelecidas e seu possível futuro desenvolvimento.

A História da Investigação

Neste primeiro ponto teremos obrigatoriamente que referir as correntes de investigação que ao longo dos tempos, e que nos últimos cem anos, foram afectando a sociedade europeia e como aparecem reflectidas em Portugal. Neste capítulo procurar-se-á relacionar as figuras dominantes, que se tornaram elementos decisivos nas orientações e na própria evolução da Arqueologia em Portugal, em especial para a Idade do Ferro, com referência ao tempo em que viveram.

No final do século XIX, primeiras décadas do século XX, estamos numa época de grande afirmação e positivismo da Europa, no auge do colonialismo das grandes potências europeias e seu prestígio mundial. A Europa vive então momentos de grande entusiasmo e confiança nas suas capacidades intelectuais, sociais e tecnológicas. As ideias dominantes na Arqueologia até então são predominantemente as do *Antiquarismo*, isto é, aquele movimento que procura organizar e expor

grandes colecções dos vestígios do passado. No século XIX, precisamente fruto da actividade colonial das grandes potências europeias, surgem os grandes museus nacionais, onde se juntavam largas colecções de objectos, testemunho de civilizações desaparecidas ou recentemente observadas e que em muito contribuíam para o prestígio dos países organizadores desses museus: a Inglaterra com o British Museum, a França com o Museu do Louvre, a Alemanha com o Pergamon Museum, e os Estados Unidos, não querendo perder esta corrente da moda de então, funda o Metropolitan Museum, em Nova Iorque, adquirindo a maior parte das colecções ali expostas. A troca de conhecimentos e experiências é também constante e característica da época, costumando os investigadores comparar resultados e conclusões, trocar peças entre si para melhor conhecimento das mesmas. É este espírito de colecionador que vemos reflectido em Estácio da Veiga: a preocupação de um grande museu, o Museu do Algarve, que juntasse e reflectisse as grandes civilizações que tinham deixado os seus vestígios na região do Algarve. E esta é a grande diferença que estabeleceu com aqueles museus, pois era constituída por materiais encontrados no próprio país, em Portugal, daquelas civilizações que aqui nos antecederam. Também Martins Sarmiento, na sua investigação arqueológica sobre os castros do Norte de Portugal, nomeadamente as citânias de Briteiros e de Sanfins, funda a Sociedade Martins Sarmiento e respectivo museu, em Guimarães, iniciando a publicação da *Revista Guimarães*; ou mesmo Leite de Vasconcelos, uns anos mais tarde, procurando enriquecer o espólio do actual Museu Nacional de Arqueologia, e que, percorrendo o país de lés a lés, foi aumentando consideravelmente as colecções daquele museu e iniciou a publicação de *O Archeólogo Português*, bem como Santos Rocha que funda o Museu da Figueira da Foz, para onde levou muito do espólio por ele recolhido no Algarve (Santos Rocha 1897).

O esforço de Estácio da Veiga, e o dos colecionadores privados, seus amigos, entre eles Júdice dos Santos, Nunes da Glória e tantos outros, que juntaram grandes colecções de objectos, seguindo a moda da sua época, predominantemente, senão todos, oriundos do

Algarve, foram juntando o que veio a constituir o grande núcleo do Museu Nacional de Arqueologia, embora não fosse essa a sua intenção, como dissemos atrás. De salientar a preocupação que Estácio da Veiga manifesta na segunda metade do volume IV de *As Antiguidades Monumentais do Algarve*, ao focar os principais aspectos da Idade do Ferro que ainda hoje nos preocupam: a origem das influências que aqui terão chegado; o problema da língua, expresso nas inscrições do Sudoeste ou de Tartessos; bem como as numerosas escavações que realizou no Algarve e os objectos que recolheu procurando integrá-los nos seus contextos, mais uma vez mostrando a sua modernidade.

Esta posição, revelando, sobretudo, um espírito de colecionador vai dar lugar a uma procura de explicações científicas para os grandes problemas da origem e evolução dos povos da Europa. Após os choques das teorias sobre a evolução das espécies formulada por Darwin no final do século, começam a delinear-se as teorias *difusionistas* na Europa, que vemos um pouco por toda a parte, considerando que a evolução da Europa se deveria às influências do Mediterrâneo oriental que nos terão atingido, seguindo o lema: *Ex Orient Lux*. Também em Portugal, e especialmente em relação à Idade do Ferro, estas ideias vão predominar durante algum tempo, prolongando-se até quase aos nossos dias, como é o caso por exemplo ainda visível em Cação Ribeiro e Veiga Ferreira (1971), Caetano Beirão (1985, 1986), e mesmo em Varela Gomes (1983), nas suas fases iniciais. O seu trabalho, no entanto, teve o grande mérito de nos trazer novos dados e o conhecimento de novos sítios arqueológicos, como é o caso do depósito votivo de Garvão (Beirão *et alii*, 1985) e das necrópoles da Idade do Ferro na zona de Ourique (Dias *et alii* 1970; 1971; Beirão e Gomes 1983) e terem dado uma visão conjunta da escrita do Sudoeste, tema abordado por Maluquer de Motes (1968), por Beirão (1986), também por Correa (1983 e 1987), ou de Hoz (1985) e Untermann (1987) em várias obras.

De salientar o papel de alguns arqueólogos, quer portugueses quer estrangeiros, que estudaram, escavaram e publicaram grande número de materiais das suas próprias escavações e dos vários museus de Por-

tugal, nas primeiras décadas do século XX e após a última guerra. Os contributos de Vergílio Correia (1928; 1972) sobre a necrópole de Alcácer do Sal, de Mário Cardozo (1930; 1956; 1957) que se dedicou, em especial, ao estudo de bronzes e jóias arcaicas, ou estrangeiros como Nicolini (1969; 1977), que também publicou os estudos que realizou sobre bronzes e jóias das Idades do Bronze e do Ferro, bem como Costa (1966, 1973), ou Schubart (1971; 1975; 1976) sobre a Idade do Bronze no Sudoeste, Almagro Gorbea (1977) sobre o período orientalizante, Coffyn (1985) sobre o Bronze Atlântico e influências de Hallstatt, ou Schüle (1969; 1976) que procura dar uma certa coerência à Idade do Ferro em Portugal, seguindo, naturalmente as classificações da Escola Alemã, aliás utilizadas em toda a Europa e hoje ainda uma obra base indispensável. De citar ainda Niemeyer (1982) sobre a actuação e fixação dos Fenícios no Mediterrâneo Ocidental, Rouillard (1991) sobre a cerâmica grega da península, ou Pellicer Catallan (1979-1980) ou Júdice Gamito (1986, 1987 e 1991) sobre os problemas da Arqueologia do Sudoeste, para citar apenas alguns investigadores e algumas das suas obras mais decisivas. Todos estes contributos vieram ajudar grandemente os arqueólogos portugueses, em muito menor número, que posteriormente se vão dedicar à mesma época. Entre os investigadores portugueses são de destacar Cavaleiro Paixão e o seu estudo sobre Alcácer do Sal (1971), Parreira e Vaz Pinto (1981), Parreira e Monge Soares (1980) sobre a transição da Idade do Bronze para o Ferro, Manuel e Maria Maia (1986 e 1987) e de Júdice Gamito (1979; 1981; 1982; 1983; 1984; 1984b; 1986; 1988; 1991; etc.) sobre os vários problemas relacionados com o Sudoeste Peninsular e de Armando C.F.da Silva (1987) e Manuela Martins (1990), sobre o Noroeste Peninsular.

A fachada atlântica da Península Ibérica pela sua riqueza em vestígios arqueológicos, actividade mineira e interacção entre os povos, despertou desde cedo o interesse dos estudiosos, que se debruçaram sobre as diferentes épocas. Assim aparecem referências em Frei Manuel do Cenáculo, no final do século XVIII, em Estácio da Veiga, Leite de Vasconcellos e Santos Rocha, nos finais do século XIX e Manuel Heleno (1935), na pri-

meira metade do século XX, mas é sobretudo na segunda metade deste século, a partir dos anos 60, que vemos investigadores alemães como Raddatz (1969), que se dedicam a aspectos ligados à ourivesaria, Sangmeister (1960) e Schüle (1969 e 1979), ligados a influências e contactos célticos chegados através e pelo interior da Península, e o galês Savory (1966; 1968).

As influências orientalizantes são sobretudo tratadas pelos investigadores do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, como é o caso de Schubart, no Calcolítico e Idade do Bronze (Schubart 1975), Niemeyer (1980 e 1982) sobre o problema das colónias fenícias, e investigadores peninsulares como Blazquez (1975) e Almagro Gorbea (1977), entre tantos outros.

Em Portugal é de salientar a contribuição de Gustavo Marques e a sua definição de "cultura de Alpiarça" (Marques 1972) e ainda o seu contributo para o estudo das características dessas cerâmicas que tanto contribuíram para o conhecimento do Bronze Final / Ferro Inicial em Portugal. De recordar aqui também o contributo de Cunha Serrão para o estudo das cerâmicas de retícula brunida e de ornatos brunidos e pintados e a sua filiação com idênticas cerâmicas de Hallstatt (Serrão 1958 e 1969). De referir os trabalhos de José Arnaud e a importância dada à estratigrafia e à cerâmica estampilhada (Arnaud e Júdice Gamito 1974-77); de Philine Kalb (1980), membro do Instituto Arqueológico Alemão, há muito radicada em Portugal, sobre a Idade do Bronze Atlântico; de Júdice Gamito (1986), A.C.F.Silva (1987) e Fabião (1993), sintetizando a Idade do Ferro. De referir ainda a atenção concedida à riqueza mineira de Portugal, facto que terá contribuído para a sua riqueza em achados arqueológicos, como vemos em Domergue (1987), Blanco Freijeiro e Rothenberg (1981) e mesmo Júdice Gamito (1989).

Nos anos 80, portugueses como Júdice Gamito (1979, 1982, 1984, 1986, 1988, 1991), A.C.F.Silva (1987) e Beirão (1986), trazem a público as suas investigações sobre as Civilizações do Ferro quer no Sul quer no Norte do país.

Não podemos deixar de considerar a organização do espaço do território hoje português durante a Idade do Ferro. Uma constante parece estar presente: a fronteira que se estabelece entre Portugal e Espanha nunca

foi uma fronteira natural ao longo da sua história e isso até depois da ocupação Islâmica. O que era e foi natural era uma grande unidade de povos de origem e interesses afins em todo o Sudoeste peninsular que ora se uniam, ora se guerreavam, mas que formavam um conjunto de povos interligados por hábitos e costumes idênticos. Ver, por exemplo, os trabalhos de Santos Junior (1976) sobre os "berrões", no Nordeste de Portugal, cujo território abrangia largas terras do Noroeste da Espanha actual. O Algarve, o Alentejo e a Andaluzia deverão ter constituído na Proto-História e nos tempos que se seguiram até à Reconquista Cristã uma grande unidade territorial que se reflecte ainda no *Al-Andalus*, da época Islâmica.

Distinguem-se, na parte ocidental da Península Ibérica, dois núcleos perfeitamente distintos: a zona de influência Tartéssica e a zona de influência Céltica ou europeia, que ora se tocam ora se afastam ora se interpenetram, acompanhando os movimentos de interesses e influências que mais se fazem sentir nas regiões atingidas. Iremos portanto analisar essa situação distinguindo uma e outra "civilização" que ocupam áreas geográficas perfeitamente distintas, como se pode observar pelos mapas de distribuição de materiais e vestígios arqueológicos (Júdice Gamito 1986; 1988; 1995):

A civilização Tartéssica, estabelecida no espaço físico que é o Sudoeste, desenha-se claramente em todos os mapas de distribuições de materiais e de sítios arqueológicos: ocupava o SW da Península Ibérica, uma vasta região que abrange quase toda a Andaluzia Ocidental e grande parte do sul da Extremadura espanhola, Algarve e Alentejo e se estende à região de Granada e Múrcia. É aqui também que se começa a delinear no Bronze Final/Ferro Inicial a região das sepulturas de guerreiros e na Idade do Ferro, a dos jarros e dos braseiros tartéssicos, a das jóias orientalizantes. Tartessos apresenta por volta de 700 a.C. uma grande complexidade e organização sócio-económica semelhantes à de um estado. Desde cedo o reconhecimento deste reino, no extremo do mundo então conhecido e das suas fabulosas riquezas mineiras, aparece referido nos autores clássicos com um carácter simultaneamente mítico e real. Mítico porque a ele estão associadas narrativas

míticas e feitos heróicos, como é o caso de Gérion e de Hércules. Real, porque de facto existiu nesta região um reino referenciado na *Odisseia* e em algumas passagens de Hesíodo, que localiza o mito de Gérion na Eritea, ilha situada na foz do rio Tartessos, hoje identificado como o rio Tinto, onde Hércules terá derrotado o gigante de três cabeças e roubado os seus bois, ou ainda Heródoto descrevendo a viagem de Kolaios de Samos ao Ocidente. A riqueza desta região da Península Ibérica em gado bovino é por demais conhecida e os mitos, por vezes considerados "histórias", foram, durante séculos, a única História, perfeitamente conhecida entre os Gregos. Por outro lado as suas fabulosas riquezas em minérios são por demais confirmadas pela Geologia e pela Geografia. Verifica-se, entre os Gregos, um profundo respeito e admiração pelo longínquo reino de Tartessos, situado no fim do mundo então conhecido, tratando-o de igual para igual, como podemos observar nos contactos diplomáticos dos Gregos, tal como fizeram na fundação de Massalia (Marselha) ou de Onuba (Huelva), para assegurarem o êxito das suas deligências comerciais junto daquele reino. O mito da sua fundação, é descrito por Justino (Livro XLIV, 4), referindo a origem mítica do rei de Tartessos, Habis, dando-lhe um tratamento semelhante ao de Rómulo e Remo. Quando Tartessos nos é referido pelos autores clássicos é já como um verdadeiro estado, que Habis terá governado como rei todo-poderoso: elaborando leis para regular e unir o seu povo; favorecendo a agricultura e a criação de animais; melhorando as condições de vida do seu povo, proibindo-o de exercer actividades servis, o que quer dizer que terá certamente introduzido a escravatura. O seu território distribuía-se por sete cidades onde vivia a população, dando, portanto, um sinal claro de um desenvolvimento urbano importante. Trata-se de uma região particularmente rica em minérios, onde possivelmente o centro dominante mais importante teria sido o localizado sobre o Cerro Salomom, junto às minas de Rio Tinto, em finais do século VIII a.C. Só no século VII Huelva se torna o seu centro urbano mais importante, talvez por apresentar melhores condições para o escoamento dos minérios. Tartessos torna-se o destino de Gregos e Fenícios

na busca de metais preciosos, quando toda a Ásia Menor estava agitada e caindo nas mãos dos Sírios. Sabemos por Heródoto da viagem de Colaios de Samos a Tartessos no século VII, de viagens de Fenícios pela mesma altura ou talvez um pouco antes³⁸. Os vestígios arqueológicos confirmam estes contactos frequentes e a troca de presentes ricos e exóticos com os chefes locais. Uma sugestão de como se organizou este complexo sistema sócio-económico é apresentado por Júdice Gamito (1987 e 1993) explicando simultaneamente o desenvolvimento dos reinos Ibéricos posteriores, para os quais temos também referências nos autores clássicos, como Ptolomeu (2.6.58) ou Diodorus (25.12). É nesta mesma região, mais no interior, que observamos a implantação de povos de origem Céltica pela mesma época: Argantonius, é um nome de origem céltica; o Cerro Salomon tinha um templo celta e esculturas de deuses célticos (Blanco Feijeiro e Rothenberg 1981).

A civilização Céltica ter-se-á localizado numa zona central da Península Ibérica, numa larga mancha desde a Celtibéria, espalhando-se através da Meseta até ao Alentejo interior, onde povos profundamente celtizados ou mesmo Celtas se terão estabelecido. É nesta região, e numa larga faixa que vai do interior da Península Ibérica até ao Mar Negro, que os Gregos localizaram estes povos, designando-os por "Celtas". Não vejo portanto que cerca de 2500 anos mais tarde não o possamos fazer ainda. Eles estavam muito mais perto cronologicamente deles do que nós. Por outro lado a grande unidade da sua cultura material só vem reforçar essa ideia.

Na Península Ibérica, observam-se, a partir do século VIII, profundas alterações nos vestígios arqueológicos desta vasta zona: a ocorrência de vastos povoados fortificados, o ênfase colocado nas actividades guerreiras, com o culto dos heróis que apresentam uma sinalização concreta nas suas sepulturas; o aparecimento de estelas funerárias com a representação de escudos com chanfradura em V; o controlo das vias comerciais; a introdução da escrita no século VII inícios do VI; o alargamento das rotas comerciais; a troca de presentes diplomáticos entre as potências de então. A civilização Celta caracteriza-se por apresentar grande unifor-

midade na sua cultura material: marcado desenvolvimento na técnica e tratamento dos metais, quer da ourivesaria quer dos bronzes e ferros; a adopção de hábitos e costumes luxuosos, importando artigos exóticos de regiões distantes; o uso de louça fina, de cerâmica bem depurada, com decoração estampilhada; o começo de importações de loiça grega; o aparecimento de enterramentos principescos e maior complexidade nas práticas mortuárias. Observa-se, portanto, uma complexificação crescente na organização social. Estas características são observáveis em todos os grandes castros da região: Segóvia (Elvas), Vaiamonte (Monforte), Azougada (Moura), Ossónoba (Faro) Balsa (Tavira) e mesmo nos mais pequenos como Baldio (Monforte), Ruivo (Sta.Eulália), Careira (S.to Aleixo), Chibanes (Setúbal), Rocha Branca (Silves), Baesuris (Castro Marim). De mencionar ainda os cultos religiosos desta mesma região: o do Endovellicus, divindade oracular (só tinha aquele templo) ligada ao mundo subterrâneo, e portanto devia ter uma gruta ou cripta, um local escuro, a ele associado, de grande devoção mesmo em época romana, com inúmeras inscrições e dedicatórias, mesmo estátuas; e o de Ataegina, expresso em inúmeras inscrições e dedicatórias à deusa e em pequenos bronzes votivos (Júdice Gamito 2002). Trata-se de um culto de fertilidade, ligado ao renascer da Primavera e da Natureza como vemos no culto de Hera ou de Proserpina. A cerâmica estampilhada tornou-se num traço estilístico e cultural característico de ambientes célticos em toda a Europa, associado a um acabamento polido e acinzentado, muitas vezes onde já se tinham encontrado, no Bronze Final, as cerâmicas com desenhos brunidos, por vezes também pintados. Este tipo de estampilha aparece também nas jóias de ouro da mesma região, conferindo-lhe grande unidade estilística e cultural. De salientar o disco de Bensafrim (Lagos), a jóia encontrada mais a sul nesta região (Santos Rocha 1949).

A Idade do Ferro tardia

As características aqui apontadas vão prolongar-se na Idade do Ferro tardia, na chamada civilização Ibérica, que se desenvolve com a queda de Tartessos, cujo

modelo de desagregação foi sugerido também por Júdice Gamito (1986; 1988; 1993; 1995):

A civilização Ibérica apresenta o aparecimento de numerosos pequenos reinos autónomos e competitivos entre si e nela se denota já grande variedade de influências e de contactos, com importações frequentes de louça grega e com o desenvolvimento de cerâmica "ibérica" de barras pintadas, inicialmente também com motivos estampilhados, como vemos em Garvão ou no Castro de Segóvia. Nota-se grande desenvolvimento da metalurgia do bronze, novos modelos de espadas e adagas, com cabos com incrustações de cobre, estanho ou prata tipicamente La Tène, como vemos nas espadas de Alcácer do Sal, referidas por Paixão nos seus trabalhos. Povoado como o de Ipses (Alvor), Balsa (Tavira) ou Ossónoba (Faro) (Júdice Gamito 1997) com cunhagem de moeda própria surgem um pouco por todo o lado a sul do Tejo.

As guerras púnicas terão contribuído para a lenta destruição deste mundo e forçado deslocamentos de povos fugindo à guerra, como vemos sugerido em Júdice Gamito (2002) demonstrando as perturbações que se verificavam na vida das pessoas e sua enorme ansiedade. Observa-se um aumento, nos santuários ibéricos, de bronzes votivos e de *dedicatio*, aos deuses peninsulares, que se fazia sentir essencialmente no Sul. As populações em fuga teriam reforçado as civilizações do Norte de Portugal, onde surge, tardiamente, a chamada "cultura Castreja" (Ferreira de Almeida 1980; Silva 1987):

A civilização castreja desenvolve-se numa região perfeitamente delimitada entre o rio Vouga, a sul, e os rios Navia e Esla a este, o Atlântico a norte e a oeste. É uma civilização que terá surgido na Idade do Ferro, tendo como momento de origem a idade do Bronze Final atlântico (Coffyn 1985; Jorge 1986), mas que data, essencialmente, da Idade do Ferro tardia, chegando até à época romana. Apresenta nesta fase inicial vestígios de origem mediterrânica nas suas cerâmicas e peças de ourivesaria, com possíveis contactos com o Sul da península, nomeadamente Tartessos. Numa Segunda fase, que marca o apogeu da civilização castreja, com característica nitidamente celtizantes,

observa-se uma nitida correlação com os povos célticos do Alto Alentejo, ou a movimentação desses povos e dos Turdulos em direcção ao norte, como nos conta Estrabão (III, 3,5), também na opinião de Alarcão (1988). De salientar as casas compósitas destes povoados, de grandes dimensões, contidas por um muro envolvente e constituídas por várias divisões independentes, com funções diversificadas. As influências célticas notam-se especialmente nas cerâmicas estampilhadas, nas jóias, nos motivos decorativos, no culto dos guerreiros, nos monumentos de "pedra formosa". As jóias apresentam também influências mediterrânicas que aqui terão chegado por contactos com o sul e com os próprios cartagineses, e também as importações de cerâmica grega do Século IV/III.. Na sua fase final ou fase III a cultura castreja vai sofrer o impacto da ocupação romana da península, com um nítido declínio dos castros, que finalmente termina com o seu abandono total. As "pedras formosas", monumentos que inicialmente se julgavam funerários, mas que deverão estar associados a cultos de fertilidade, apresentam uma decoração com claros motivos celtas, entre eles as *tríceles*, ou em SS, sugerindo o universo celta, no seu constante devir sugerindo crenças profundamente enraizadas nos traços de usos e costumes e mesmo nas mentalidades, que quase chegaram aos nossos dias, como vemos na investigação recente de Abreu Nunes (1994).

Perspectivas presentes e futuras

Após a II Guerra Mundial o panorama da Arqueologia em geral torna-se bastante complexo e as explicações dos fenómenos deixam de se fazer através de simples analogias e comparação de artefactos. Os mecanismos das sociedades humanas são afinal tão complexos e variados como os das próprias ciências, e Portugal vai de certo modo acompanhar essa evolução. O recurso a todas as possíveis contribuições de outras ciências torna-se premente e a Nova Arqueologia chega também lentamente a Portugal, nos anos 80 e 90.

Porém, os extremos a que a Nova Arqueologia conduziu a investigação arqueológica, dentro de modelos racionalistas e funcionalistas, como vemos por exem-

plo em Binford (1977; 1983) ou Renfrew (1978; 1981; 1983) ou mesmo Hodder (1978; 1982; 1986) e que vieram afectar toda a arqueologia moderna, em especial a influenciada pela Escola Anglo-Saxónica, começam a ser postos em causa, por não conseguirem explicar na sua totalidade a complexidade dos fenómenos humanos. O Homem alterará sempre pelo seu comportamento, pela sua emotividade, pelo sua capacidade cognitiva, as regras previamente estabelecidas pelos modelos dos cientistas. O recurso à Etnologia, à Antropologia, à Psicanálise tornam-se frequentes e oferecem uma variedade imensa de respostas possíveis às questões levantadas pelos arqueólogos. A Idade do Ferro é um dos campos mais interessantes de aplicação destas teorias pois trata-se de uma época em que os mecanismos de desenvolvimento das sociedades se tornam muito complexos e para a qual já temos referências nos autores clássicos.

Surgem novos modelos explicativos dentro da chamada Arqueologia Processual e Pós-processual, e, a pouco e pouco, começou-se a considerar possível a recuperação de algumas teorias mais tradicionais, como por exemplo alguns aspectos das teorias difusionistas.

Aspectos a desenvolver

O problema da fixação e contactos de Fenícios ao longo da costa Atlântica

Como consequência das regras impostas pela Comunidade Europeia quanto à salvaguarda do Património Cultural em locais de intervenção em larga escala, com obras públicas ou privadas, veio contribuir para um panorama algo diferente na Arqueologia em Portugal, como por exemplo, o de encontrarmos recentemente ao longo de toda a costa portuguesa, em especial na sua metade sul, numerosos vestígios de povoamento e possíveis povoados de origem fenícia, que nos têm sido revelados com os trabalhos de Maria e Manuel Maia, em Tavira (Maia 1999) de Ana Margarida Arruda (1996 e 2002), em Santarém e Castro Marim, ou de Isabel Pereira (1996), em Santa Olaia, salientando as influências orientalizantes que terão chegado ao território, hoje português através da costa². Julgo, no entanto,

que alguns vestígios de contactos com povos de origem oriental, em zonas localizadas mais profundamente no interior, a 25, 30 ou mesmo 80km da costa, deverão estar associados a complexos fenómenos de contacto e trocas comerciais e não propriamente a povoados fundados por esses povos, pois essa distância considerável os torna-las-ia extremamente vulneráveis, por serem detentores de objectos altamente apreciados e cobiçados e por fazerem parte de toda uma estratégia de sobrevivência desses mesmos povos incompatíveis com tais decisões. Essas condições seriam totalmente inaceitáveis pelos próprios Fenícios, que jamais fundavam as suas colónias em posições profundamente embrenhadas no interior, longe da costa e sem facilidades de recuo em caso de necessidade. Poderemos pensar em contactos, em trocas de presentes ou mesmo trocas comerciais, ou outros mecanismos, mas considerar sempre todas as variáveis que nele possam estar envolvidas e não apenas as mais fáceis. As posições colonialistas dos anos 60 e 70, com fortes influências dos investigadores oriundos das grandes potências coloniais europeias como a Alemanha, a Inglaterra e a França, que também se fizeram sentir em Portugal, desenvolveram teorias de simples colonização explicando desse modo os complexos mecanismos sociais e económicos que estariam subjacentes, como vemos nos trabalhos de Savory (1966) ou de Hawkes (1969), embora ambos tivessem admitido uma evolução apreciável a nível autóctone. Todas as teorias e possíveis modelos explicativos para a Idade do Ferro deverão tomar em consideração fenómenos de evolução, aculturação, contacto e mudança, bem como todos os dados que a informação histórica, os documentos e relatos de autores gregos e romanos sobre essas épocas, regiões e povos nos transmitiram. Tal é o caso das informações que nos chegaram sobre os povos peninsulares facultados pelos Romanos ou sobre a fixação de Cartagineses na península. Sob este aspecto é de louvar o Congresso realizado em Outubro de 2000 sobre os Cartagineses, convocado pela Universidade Aberta.

O problema da escrita do Sudoeste

Continua a ser um tema apaixonante da Arqueologia

Nacional, com várias possíveis tentativas de explicação, que ainda não satisfazem os investigadores. Tratando-se de um fenómeno nítido de aculturação, resta saber quem o transmitiu e o que significam as mensagens que chegaram até nós. Inicialmente considerado um fenómeno de aculturação fenícia, cedo se verificou que nos séculos VIII/VII os Fenícios tinham deixado esse tipo de grafia havia já dois séculos usando o cursivo, como vemos em todas as inscrições fenícias da época. Seria portanto mais lógico que tivessem sido os Gregos a transmitirem essa escrita, que esses sim usavam aquela grafia na sua língua e que, além disso, se enquadra melhor com os materiais mais frequentemente encontrados nas sepulturas, como é o caso dos anéis com escaravinhos de Naucrátis, colónia grega do delta do Nilo.

O estabelecimento dos Cartagineses na Península

Está ainda por ser aprofundado, pois não se tem feito claramente a distinção de aspectos fenícios e de aspectos cartagineses nos estratos arqueológicos. Só com raras excepções aparecem referências aos Cartagineses, esperando-se que a publicação de estudos sobre as escavações de Ossoyba e das Actas do Congresso da Universidade Aberta nos tragam mais dados sobre este tema.

O desenvolvimento da metalurgia

A investigação dos sítios que apresentam vestígios de metalurgia do ferro e a análise da composição de escórias reveste-se do maior interesse.

Estudos etno-arqueológicos

O grande interesse dos estudos etno-arqueológicos é o de fornecerem possíveis pistas para um melhor entendimento dos comportamentos humanos, nas sociedades da Idade do Ferro.

Estudos inter-disciplinares

Poderão contribuir para uma maior compreensão das sociedades quer em relação às suas dietas, doenças, complexão física e caracteres somáticos, recursos naturais e seu aproveitamento, localização dos povoados e necrópoles.

Estudos sobre a evolução urbana

O estudo das nossas cidades e vilas é essencial para uma melhor compreensão das estratégias de povoamento subjacentes à sua localização. De referir ainda aspectos ligados a problemas de alimentação e recursos naturais, de stress, bem como de aspectos ligados à resolução de problemas defensivos, de relacionamento e proximidade entre povoados e de acesso às grandes vias de movimentação de povos e de bens.

Procurou-se neste artigo dar uma breve visão da actividade arqueológica portuguesa nestes últimos cem anos, ligada à Idade do Ferro, focando apenas as principais correntes, seus intervenientes e respectivas obras. Preocupamo-nos especialmente em referir aqueles que mais contribuíram para a evolução da disciplina, trazendo abordagens novas ou perspectivas originais, oferecendo certamente aos mais jovens novas visões dos velhos problemas, que afinal, ainda são susceptíveis de novas abordagens e desenvolvimentos. Àqueles que por lapso não referimos, pois a tarefa era imensa, apresentamos desde já as nossas desculpas.

Bibliografia

- ALARCÃO, J., 1988, *Roman Portugal*, 3 v., Waminster, Aris & Phillips
- ALARCÃO, J., 1992, A evolução da cultura castreja, *Conimbriga*, Coimbra
- ALARCÃO, J., 1996, O primeiro milénio a. C., *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA,
- ALMAGRO GORBEA, M., 1974, Los asadores de bronce del Suroeste peninsular, *Rev. Arch. Bib. Madrid*, 351-395
- ALMAGRO-GORBEA, M., 1977, *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*, Bib. Prehist. Hisp., Madrid
- ALMAGRO-GORBEA, M., 1991, The Celts in the Iberian Peninsula, *The Celts*, S. Moscati et alii, Milano, 386-407
- ALMEIDA, C. A. F., 1974, Cerâmica castreja, *Revista Guimarães*, 84, 171-197
- ALMEIDA, C. A. F., 1981, *Escavações em Santo Estevão da Facha*, Ponte de Lima
- ARNAUD, J.M., 1970, O Castelo Velho de Veiros – campanha preliminar de escavações, *I Jornadas de Arqueologia da Ass. Arq. Port.*, Lisboa, 309-28
- ARNAUD, J.M., 1979, Coroa do Frade, *Madrider Mitteilungen*, 20, Heidelberg, 56-100
- ARNAUD, J.M. e T. Júdice Gamito, 1974-1977, Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal, *O Arqueólogo Português*, S.3, 7, Lisboa, 165-202
- ARRUDA, A. M., 1993, A idade do Ferro no Centro Sul, J. Medina ed., *História de Portugal*, v.2, Amadora, Ediclube, 45-87
- ARRUDA, A. M., 1993b, A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular, *Estudos Orientais*, Lisboa 4, 193-214
- ARRUDA, A. M., 1995, Panorama das importações áticas em Portugal, *Huelva Arqueológica*, Huelva, 13.1, 129-54
- ARRUDA, A. M., s.d. (1996), Os Fenícios no Ocidente, *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA
- ARRUDA, A. M., 2002, *Los Fenicios en Portugal*, Madrid
- AUBET, M.E., 1994, *Tiro y las colonias Fenicias de Occidente*, Barcelona, Crítica
- BEIRÃO, C. M., 1986, *Une civilisation proto-historique du Sud du Portugal*, Paris, Broccard
- BEIRÃO, C. e M.V. GOMES, 1983, A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes), *O Arqueólogo Português*, IV, 1, Lisboa, 207-266
- BEIRÃO, C. M. et alii, 1985, Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações, *O Arqueólogo Português*, S.4, 3, Lisboa, 45-136
- BINFORD, L.R., 1977, *For theory building in archaeology*, New York, Ac. Press
- BINFORD, L.R., 1983, *Working at Archaeology*, New York, Ac. Press
- BLANCO FREIJEIRO, A.e B. ROTHENBERG, 1981, *Exploración Arqueológica de Huelva*, Barcelona, Labor.
- CAÇÃO RIBEIRO, E. e O V. FERREIRA, 1971, Acerca dos vasos com "janelas", *Rev. Guimarães* 81 p. 255-260
- CARDOSO, J.L., 1996, O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa, *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA, 73-81
- CARDOSO, J.L., 1996b, A 3ª Idade do Ferro no Concelho de Oeiras, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras
- CARDOZO, M., 1930, Jóias arcaicas encontradas em Portugal, *Rev. Nos*, Porto
- CARDOZO, M., 1956, Joalheria Lusitania, *Conimbriga*, I, 3-18
- CARDOZO, M., 1957, Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular, *Rev. Guimarães*, LXIX, 127-139
- COFFYN, A., 1985, *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris, CNRS
- CORREA, J.A., 1983, Escrituras y linguas prerromanas en el sur de la Península Iberica, *VI Cong. Esp. Est. Clássicos*, Madrid, Gredos, 397-411
- CORREA, J.A., 1987, El signario tartesio, *IV Col. Leng. Y Cult. Paleohispanicas*, Kohl, 275-84
- CORREIA, V., 1928, Escavações realizadas na necrópole pré-romana de Alcácer do Sal, *O Instituto*, Coimbra, 4ª s., 75
- CORREIA, V., 1972, Alcácer do Sal, in *Obras de V. Correia*, Univ. de Coimbra, v.4, 127-192
- CORREIA, V.H., 1993, As necrópoles da Iª Idade do Ferro do Sul de Portugal, *Arquitecturas e rituais, I Congresso Peninsular de Arqueologia*, 2, Porto, 352-376
- COSTA, J.M., 1966, O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio, *Ethnos*, Lisboa, 529-337
- DIAS, M. Alves, C. Beirão e L. Coelho, 1970, Duas necrópoles do Baixo Alentejo, *O Arqueólogo Português*, III Série, Lisboa, 175-219
- DIAS, M. ALVES, C. BEIRÃO e L. COELHO, 1971, Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbadas – Almodovar, 1ª notícia, *O Arqueólogo Português*, S. 3, 5, Lisboa, 181-90
- DOMERGUE, C., 1987, *Catalogue des mines et fonderies anti-ques de la Péninsule Ibérique*, 2 v., Paris, Boccard
- ESTÁCIO DA VEIGA, S.Ph., 1886-1891, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 4 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional
- ESTÁCIO DA VEIGA, S.Ph., 1906 a 1916, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, O Archeologo Português, Lisboa, Imprensa Nacional
- FABIÃO, C., 1993, O passado Proto-Histórico e Romano, *História de Portugal*, ed. José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 77-290
- FERREIRA DE ALMEIDA, C. A., 1980, O templo do Mozinho e seu conjunto, *Portugália*, Porto, 51-56
- FERNÁNDEZ JURADO, J. Ed., 1995, *Iberos y Griegos, Lecturas desde la adversidad*, Simposio Ampurias, Huelva Arqueológica, Huelva

- GAMER-WALLERT, I., 1975, Der Skarabaus des Pedubaste von der Finca del Jardin, *Madrider Mitteilungen*, 16, Heidelberg, 187-194
- GOMES, M.V., 1983, El "smiting God", Azougada (Moura), *Trabajos de Prehistoria*; 40, Madrid, 199-220
- GOMES, M.V., 1990, O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na proto-história do Sul de Portugal: "smiting gods" ou deuses ameaçadores, in A A Tavares ed. *Presenças orientalizantes em Portugal – da Pré-História ao período romano*, Lisboa, Inst. Oriental, 53-106
- HAWKES, C.F.C., 1969, Las relaciones atlánticas del mundo tartésico, *Symp. Int. Barcelona*, 185-197
- HELENO, M., 1935, Joyas pre-romanas, *Ethnos*, v.I, Lisboa, 229-257
- HODDER, I., 1978, *Spatial organisation of culture*, Cambridge, Univ. Press
- HODDER, I., 1982, *Symbols in action*, Cambridge, Univ. Press
- HODDER, I., 1986, *Reading the past*, Cambridge, Univ. Press
- HOZ, J., 1985, El origen de la escritura del SO, *III Col. Sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, Salamanca
- HUNT ORTIZ, M., e M.M. Ruiz Delgado, 1990, Smith on the move: notes on the mobility of smiths in primitive communities, in T.Júdice Gamito ed., *Arqueologia Hoje-I*, 108-117
- JORGE, S. O., 1986, *O povoado de Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas 2, Porto. GEAP.
- JÚDICE GAMITO, T., 1979, *Aspects of settlement, economy and society in southern Portugal from 600 B.C till the Roman conquest*, M.Phil.Dissertation, University of Cambridge.
- JÚDICE GAMITO, T., 1982 - "A Idade do Ferro no Sul de Portugal - problemas e perspectivas", *Arqueologia*, 6, Dez., Porto, 65-78.
- JÚDICE GAMITO, T., 1983 - "Os barris ibéricos de Portugal", *Conimbriga*, v.XXII, Coimbra, 195-208.
- JÚDICE GAMITO, T., 1983b - "A cabeça de carneiro da coleção de António Júdice dos Santos", *O Arqueólogo Português*, v.II, IV série, Lisboa, 301-314
- JÚDICE GAMITO, T., 1985 - "Celtic culture in Portugal" - the archaeological evidence", *Celtic Culture Newsletter*, nº 2, UNESCO, Dublin, 23-25
- JÚDICE GAMITO, T., 1986 - *Social and economic complexity in Southwest Iberia (from the 8th to the 3rd centuries B.C.) - Aspects of evolution and interaction*, Ph.D. Dissertation, University of Cambridge
- JÚDICE GAMITO, T., 1986b - "Os espetos de bronze do Sudoeste peninsular - sua interpretação sócio-ideológica", *Conimbriga*, XXV, Coimbra, 23-39.
- JÚDICE GAMITO, T., 1988 - *Social complexity in Southwest Iberia (800-300 B.C.) the Case of Tartessos*, Oxford, B.A.R.
- JÚDICE GAMITO, T., 1988b - "Arqueologia espacial em Portugal - exemplo da aplicação de métodos de amostragem aliatória", *III SEMINARIO SOBRE ARQUEOLOGIA ESPACIAL*, Universidade de Terruel, 17-32
- JÚDICE GAMITO, T., 1988c - "Os obeloi de bronze do Sudoeste peninsular - seu contexto e interpretação sócio-ideológica", *Actas do 1º Congresso Peninsular de História Antiga*, Santiago de Compostela, 329-339.
- JÚDICE GAMITO, T., 1989 - "The wind of the change blows from the East - the transition from Late Bronze Age to Iron Age in Southwest Iberia and the East Mediterranean", *The Bronze Age Transition in Europe*, Marie Louise Sorensen e Roger Thomas eds., Oxford, BAR,
- JÚDICE GAMITO, T., 1990 - "A Introdução da metalurgia do ferro no Sudoeste Peninsular (com base nas datações de rádio-carbono)", *IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 299-304.
- JÚDICE GAMITO, T., 1990, "O Concelho de Moura na Proto-História", *Moura na época Romana*, Moura, Câmara Municipal, 17-30
- JÚDICE GAMITO, T., 1990b, "Contribuição da Arqueologia para o estudo da evolução urbana de Faro", *IV JORNADAS ARQUEOLÓGICAS*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 19-26
- JÚDICE GAMITO, T., 1990, "O Concelho de Moura na Proto-História", *MOURA NA ÉPOCA ROMANA*, Moura, Câmara Municipal, 17-30
- JÚDICE GAMITO, T., 1991, "Greeks and Phoenicians in Southwest Iberia, who were the first?", *The Hellenic Diaspora, from Antiquity to Modern times*, Montreal, McGill University, Amsterdam, Gieben, v.I, 81-102 e Figs. 7 a 12, plates 1-4
- JÚDICE GAMITO, T., 1992, Paleoetnologia de la Peninsula Ibérica", *Complutum* Madrid, Univ. Complutense, 329-337
- JÚDICE GAMITO, T., 1992b, "The Celts in Western Iberia", *XIVe Cong. Int. des Études Céliques*, Paris, École des Hautes Études, 173-194
- JÚDICE GAMITO, T., 1993, "Aspectos do desenvolvimento da complexificação social e económica do Sudoeste Peninsular durante o primeiro milénio a.C.", *Arqueologia e História*, Ass. Arq. Port., Lisboa, 3-25
- JÚDICE GAMITO, T., 1994, "As civilizações da Idade do Bronze", "A plena Idade do Bronze", "Bronze Final Mediterrânico", "O Bronze Final Atlântico", "A Ourivesaria", "Civilização Tartéssica", "Civilização Céltica", "Civilização Ibérica", "Civilização Castreja", "A escrita ibérica", *Atlas de Arqueologia*, Lisboa, Zairol, 324-343
- JÚDICE GAMITO, T., 1994, "Ossonoba", *Atlas de Arqueologia*, Lisboa, Zairol, 362-363
- JÚDICE GAMITO, T., 1994b, A cidade ibérica de IPSES, Vila Velha (Alvor) - notícia preliminar, *V Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, A.A.P, 213-218

- JÚDICE GAMITO, T., 1995, "Les Celtes et le Portugal", *Aquitania XII*, 415-430
- JÚDICE GAMITO, T., 1996 "A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura)", *O Arqueólogo Português*, v.8/10, Lisboa, 277-297 (data indicada 1990-1992)
- JÚDICE GAMITO, T., 1996b, O estanho de aluvião e a metalurgia do bronze no castro do Baldio (Arronches, Portugal), *Vipasca*, Aljustrel, C.M.Aljustrel, 29-50
- JÚDICE GAMITO, T. 1996c – O Castro de Segóvia e a componente céltica em território português, *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 107-111
- JÚDICE GAMITO, T., 1996d – A cerâmica estampilhada, *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 112-117
- JÚDICE GAMITO, T., 1997 – A civilização do Bronze no Algarve, *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*, ed. Filomena Barata, Min. da Cultura, Lisboa, 221-242
- JÚDICE GAMITO, T., 1997b – Ipses (Vila Velha, Alvor), *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*, ed. Filomena Barata, Min. da Cultura, Lisboa, 257-263
- JÚDICE GAMITO, T., 1997c, A cidade de Ossónoba e o seu território envolvente, *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*, ed. Filomena Barata, Min. da Cultura, Lisboa, 343-360
- JÚDICE GAMITO, T., 2002, Times of trouble? The votive bronzes of Late Iron Age, Portugal, *From the parts to the whole*, v.2, 13th Int. Bronze Congress, Cambridge Massachusetts, ed.s C.C.Mattusch, A.Brauer and S.E. Knudsen, Harvard, 4-18
- KALB, Ph., 1980, Zur atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Germania*, 1 v., Frankfurt-am-Mein, 25-59
- LEITE DE VASCONCELLOS, J., 1887, 1905 e 1913, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, Imprensa Nacional
- MAIA, M., 1999, Tavira Fenícia, o território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a C, *II Sem. Int. Temas Fenícios, Fenícios y su Territorio*, Guardamar de Segura
- MAIA, M^a. 1986, Neves II e a "facies" cultural de Neves-Corvo, *Arquivo de Beja*, vol. III, 2^a série p. 23-42.
- MAIA, M^a. e M. MAIA, 1987, Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal, *IV Cong. Ling. Cult. Paleohispanicas*, Vitória
- MALUQUER DE MOTES, J., 1968, *Epigrafia prelatina de la peninsula Iberica*, Barcelona, Inst. de Arq. Y Prehistoria
- MARQUES, G., 1972, Arqueologia de Alpiarça, *Inst.Antr.*, Porto
- MARQUES, G. e M. de Andrade, 1973, Aspectos da Proto-História do território português; *III Cong. Nac. Arq.*, Coimbra
- MARTINS, M., 1990, *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cavado*, Braga
- MAYET, F. E C. T. Silva, 1993, Presença Fenícia no Baixo Sado, *Estudos Orientais*, Lisboa 4, 127-42
- MAYET, F. E C. T. Silva, s.d. (1996), Abul: um estabelecimento fenício do Baixo Sado, *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA, 52-9
- NICOLINI, G., 1977, *Bronces Ibericos*, Barcelona
- NICOLINI, G., 1983, *Ouros Ibéricos*, Paris, Brochard
- NIEMEYER, H.G., 1982, *Die Phonizische niederlassung Toscanos, eine Zwischenbilanz*, in *Phonozier im Westen*, Madrider Beitrage, 8, Mainz
- NUNES, L. A., 1994, Monumentos tipo Pedra Formosa: uma interpretação, *V Jornadas Arqueológicas*, A.A.P., Lisboa
- PAIXÃO, A C., 1971, O recente achado de três escaravinhos na necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, *II Cong. Nac. Arq.*, Coimbra, I v.
- PARREIRA, R. e A Monge Soares, 1980, Zu einigen Bronzezeitlichen hohensiedlungen in Sud Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 21, 109-130
- PARREIRA, R. e C. Vaz Pinto, 1981, *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*, Catálogo do Museu Nac. De Arqueologia, Lisboa
- PELLICER, M., 1979-80, Ensayo de periodización y cronología tartesia y turdetana, *Habis*, 10-11, Sevilla, 307-333
- PEREIRA, G., 1894, O collar da Penha Verde, *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Archéologos Portugueses*, S.3 7:1, Lisboa, 77-78
- PEREIRA, I., 1996, Santa Olaia, *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a. C.*, Lisboa, MNA, 60-65
- PEREZ VILATELA, L., 2000, *Lusitania – Historia y Etnologia*, Real Ac. De Hist., Madrid
- PINTO, C.V. e R. Parreira, 1978, Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial do estuário do Tejo, *III Jornadas Arq. da Associação dos Arq. Port.*, 1977, v. I, Lisboa, 147-163
- PLEINER, R., 1980, Early metallurgy in Europe, in T.A.Wertime & J.D.Muhly eds, *The coming of the age of iron*, Yale Univ. Press, 375-415
- RADDATZ, K., 1969, *Die Schatzfunde der iberischen Halbinsel vom Ende des dritten bis mitte der ersten Jahrhundert vor Chr. Geb.*, Berlin, W. Gruyter
- RENFREW, C., 1978, *Social Archaeology*, New York, Ac. Press
- RENFREW, C., 1985, *The Archaeology of Cult*, The British School in Athens
- RENFREW, C. aqnd J.M. Wagstaff, 1981, *An Island Policy*, Cambridge, Univ. Press
- ROUILLARD, P. 1991, *Les Grecs et la Peninsule Ibérique*, Paris, Broccard
- SANTOS JUNIOR, J. R., 1975, A cultura dos "berrões" no Nordeste de Portugal, *Trab. Antr. e Etn.*, Porto, 353-516
- SANTOS ROCHA, A., 1908, *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira*, Porto
- SANTOS ROCHA, A., 1949, *Memórias e explorações arqueológicas*, Coimbra, 2 v.

- SAVORY, H.N., 1966, A Idade do Ferro – B e a Cultura Castreja, *Revista Guimarães*, 76, 117-46
- SAVORY, H.N., 1968, *Spain and Portugal*, London, Thames & Hudson
- SCHUBART, H., 1975, *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der iberischen Halbinseln*, *Madrider Forschungen*, Berlin
- SCHUBART, H., 1986, El asentamiento fenicio del s.VIII a. C. En el Morro de Mezquitilla (Algarrobo, Malaga), in *Los Fenicios en la Península Ibérica*, Asabadell, ed. AUSA, 59-83
- SCHUBART, H. e H. G. Niemeyer, 1976, *Trayamar. Los hipogeos fenicios y el asentamiento en la desembocadura del Algarrobo*, *Mad. Forschungen*, Madrid,
- SCHÜLLE, W., 1976, Der bronzezeitliche Schatzfund von Villena (Provincia de Alicante), *Madrider Mitteilungen*, 17, Heidelberg, F.H. Kerle, 142-179
- SCHÜLLE, W., 1969, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinseln*, *Madrider Forschungen*, 3, Berlin
- SCHULLTEN, A., 1984, *Tartessos*, Madrid, Espasa Calpe
- SENNA-MARTINEZ, J.C., 1989, *Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sócio-cultural*, Diss. de Doutoramento, Fasc. Letras da Universidade de Lisboa
- SERRÃO, E.C., 1958, A cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos brunidos e coloridos, *Zephyrus*, IX, Salamanca, 177-186
- SERRÃO, E.C., 1969, Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra), I Cong. Nac. Arq., Lisboa, 337-359
- SILVA, A.C.Ferreira da, 1987, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SILVA, C.T. et alli, 1980-81, Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 141-218
- SNODGRASS, A., 1980, Iron and the early metallurgy in the Mediterranean, in T.A. Wertime & J.D.Muhly eds. *The coming of the age of Iron*, Yale Univ. Press, 335-374
- TYLECOTE, R.F., 1976, *A History of Metallurgy*, Londres, Carlton House Terrace
- TYLECOTE, R.F., 1980, Furnaces, crucibles and slags, in T.A. Wertime & J.D.Muhly eds., *The coming of the age of iron*, Yale Univ. Press, 188-228
- UNTERMANN, J., 1987, Lusitanisch, Keltiberisch, Keltisch, *IV Col. Leng. Cult. Paleohispanicas*, Vitória, 35-56
- WAGNER, C., 1993, Tartessos y el periodo orientalizante, *Hispania Antiqua*, Universidad Valladolid, 419-434
- WERTIME AND J.D.MURPHY eds., 1980, *The Coming of the Age of iron*, Yale University Press,

Notas

¹ Digo *malgré lui*, pois a intenção de Estácio da Veiga era fundar, com a sua coleção, o grande Museu do Algarve, no Algarve, onde estaria em todo o seu conjunto o vasto espólio arqueológico recolhido nesta provincia de Portugal. A sua coleção ficou armazenada por vários anos no edifício da Escola de Belas Artes em Lisboa transitando depois, com José Leite de Vasconcellos para o Museu Nacional de Arqueologia, de que constitui o núcleo principal.

² Este tem sido um dos temas mais discutidos na arqueologia peninsular, mas o certo é que os vestígios fenícios mais antigos da Península Ibérica remontam apenas ao século VIII A.C., tanto em Cadiz, como nas descobertas mais recentes de Manuel e Maria Maia (1999) em Tavira.

